



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE ALAGOAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

ADRIANO GONÇALVES SENA

**A HISTÓRIA DO CANGAÇO ATRAVÉS DA LITERATURA DE CORDEL NO
SÉCULO XX**

Delmiro Gouveia – AL
2021

ADRIANO GONÇALVES SENA

**A HISTÓRIA DO CANGAÇO ATRAVÉS DA LITERATURA DE CORDEL NO
SÉCULO XX**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Alagoas, Campus do
Sertão, como requisito parcial para obtenção do
título de licenciado em história.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Abelardo Santana

Delmiro Gouveia – AL
2021

Folha de Aprovação

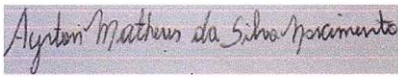
ADRIANO GONÇALVES SENA

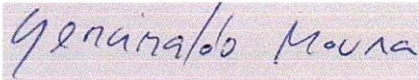
**A HISTÓRIA DO CANGAÇO ATRAVÉS DA LITERATURA DE CORDEL NO
SÉCULO XX**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao
corpo docente do curso de Licenciatura em
História da Universidade Federal de Alagoas,
Campus do Sertão e aprovado em 30 de
setembro de 2021


Prof. Dr. Pedro Abelardo de Santana, UFAL (Orientador)

Banca examinadora:


Prof.º Ayrton Mateus do Nascimento Silva, UFS (Examinador)


Prof. Me. Gercinaldo de Moura Medeiros, UFAL (Examinador)

A HISTÓRIA DO CANGAÇO ATRAVÉS DA LITERATURA DE CORDEL NO SÉCULO XX

ADRIANO GONÇALVES SENA¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho é relatar os anos de ouro ou início da literatura de cordel sobre o seu tema mais divulgado e descrito que foi o cangaço, começando pela Guerra de Canudos e terminando a morte de Lampião. O cordel sempre tratou do passado, antes e depois do cangaço, de temas contemporâneos ao cangaço, mas é que o tema do trabalho ou o seu contexto, interessa apenas o cordel com suas crônicas poéticas e histórias populares sobre os dois movimentos, um cultural e o outro social, mostrando que são contemporâneos a vida dos primeiros poetas, assim como a vida dos cangaceiros mais famosos. Tendo como base a historiografia e o cordel, este trabalho busca conhecer um pouco do cenário onde o cordel nasceu, conhecer a região nordestina brasileira e o que enfrentava no início do século XX.

Palavras-chave: cangaço, sertão, literatura de cordel.

ABSTRACT

The objective of this work is to report the golden years or beginning of cordel literature on its most widespread and described theme, which was the cangaço, beginning with the Canudos War and ending with Lampião's death. Cordel has always dealt with the past, before and after cangaço, with themes contemporaneous to cangaço, but the theme of the work or its context is only interesting for cordel with its poetic chronicles and popular stories about the two movements, one cultural and the other social, showing that the lives of the first poets are contemporary, as well as the lives of the most famous cangaceiros. Based on historiography and cordel, this work seeks to know a little about the scenario where cordel was born, to know the northeastern region of Brazil and what it faced at the beginning of the 20th century.

Keywords: cangaço, sertão, cordel literature.

¹ Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	6
1 O CANGAÇO COMO ACONTECIMENTO HISTÓRICO	8
2 CARACTERIZAÇÃO DO NORDESTE NO INÍCIO DO SÉCULO XX.....	18
2.1 A literatura de cordel	20
2.2 As primeiras narrativas do cordel	21
2.3 O cordel entre ficção e realidade	23
2.4 Origens dos temas da literatura de cordel	25
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	30

INTRODUÇÃO

Esse texto procura tratar da história do cangaço e os principais personagens relacionando com a literatura de cordel, no início do século XX, abordando acontecimentos que foram transformados em poesia de cordel por autores contemporâneos da época do cangaço, como Leandro Gomes de Barros, Francisco da Chagas Batista, João Melchíades Ferreira da Silva e João Martins de Athayde. Esses poetas e escritores viveram o auge do cangaço e a fase primeira do cordel, sendo referência aos futuros poetas desse movimento cultural, mesclando acontecimentos históricos e criando histórias fictícias com os principais personagens desse movimento social. O cordel viveu uma era de ouro entre os anos de 1900 e 1940, em uma época do Nordeste brasileiro marcado por desigualdade social, seca, fome, sofrimento e, se não bastasse, ainda sofria revoltas locais contra o governo federal, sofria nas mãos dos cangaceiros e das volantes. Nesse contexto de vários acontecimentos, surge ao mesmo tempo um movimento social com teor poético, que serviria como jornal dos mais pobres e de poucas instruções, porque na região nordestina existiam poucas escolas, as existentes ficavam nos grandes centros urbanos, impossibilitando a instrução da comunidade rural nordestina.

Nesse momento, o cordel cumpre o seu papel de jornal do povo mais carente, os folhetins eram vendidos em feiras, pendurados em varal e, na maioria das vezes, os vendedores, para chamar a atenção, liam os versos escritos nos folhetos ao ar livre ou, às vezes, dois ou mais cordelistas faziam uma peleja para chamar a atenção e assim divulgar o produto.

Uma tradição tão forte e simbólica no Nordeste brasileiro no começo do século XX, ao passar dos anos foi caindo no esquecimento, principalmente na região onde se originou. Nos dias atuais é muito difícil encontrar cordel, principalmente em cidades históricas onde aconteceram muitas batalhas relacionadas ao cangaço, como a cidade de Piranhas, em Alagoas. Os cordéis da primeira fase são quase impossíveis de serem encontrados, como os de Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas Batista e João Melchiades Ferreira da Silva.

Esse trabalho busca compreender o cangaço através da literatura de cordel, movimentos contemporâneos, nas suas várias escrituras, manifestações culturais e sociais. Compreender também qual era a intenção desses poetas ao descrever os acontecimentos que eles vivenciaram. Já o fenômeno cangaço ajudou a simbolizar o Nordeste brasileiro, deixando profundas marcas na cultura nordestina.

O objetivo geral é compreender o cangaço se baseando nas várias escrituras e manifestações culturais sobre o imaginário dos escritores de cordéis do final do século XIX e início do século XX. Qual era a intenção desses poetas? Se era dizer a verdade sobre o que se passava no sertão nordestino brasileiro ou criar histórias fictícias sobre os personagens que surgiram na época. Mostrando que o cangaço e o cordel na história do nordeste brasileiro caracterizam-se como fenômenos que passou e ajudou a simbolizar a região e seu povo deixando profundas marcas na cultura nordestina.

Os objetivos específicos são: analisar a literatura de cordel, a vida dos principais autores, fazendo uma relação com o movimento social do cangaço no final do século XIX; descrever o início dos dois movimentos, um social e outro literário, mostrando como era visto esse movimento e descrito nos folhetos de cordel, sendo assim possível escrever a história do cangaço no imaginário popular da literatura de cordel; compreender os maiores escritores; e mostrar que esses dois movimentos fazem parte da cultura nordestina.

O trabalho inicia contando uma breve história sobre o cordel e seus principais poetas do início do século XX, continuando com a história do cangaço desde a Guerra de Canudos, onde surgiu depois da guerra os primeiros cangaceiros, e descrevendo as primeiras narrativas de cordel sobre o movimento social, até a morte do principal personagem, o mais descrito em versos de cordel, Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. O cangaço não engloba só batalhas, feitos heroicos, roubos, matanças, mas sim o descaso do estado em uma região que se encontrava esquecida do resto do país, com problemas sociais e sem infraestrutura, deixando um povo sofrido e carente à mercê de políticos sem responsabilidade política e social, dando oportunidade com esse descaso a surgir movimentos como o cangaço.

1 O CANGAÇO COMO ACONTECIMENTO HISTÓRICO

Nascimento (1996, p. 25), afirma que:

O cangaço teve seu início no final do Século XIX, com o fim da Guerra de Canudos consolidando seu auge entre os anos de 1900 e 1940. No agreste do Nordeste brasileiro formavam-se grupos oriundos da miscigenação de índios e escravos fugitivos de engenhos.

Completa ainda que,

Os brancos geralmente eram os senhores de engenho, grandes coronéis latifundiários provindos do litoral, obtendo sucesso com a exploração da cana-de-açúcar ou com o comércio e dedicando-se no início à pecuária de certa forma isto lhes atribuíam poder econômico e conseqüentemente prestígio político (NASCIMENTO, 1996, p. 25).

Essa sociedade foi fortalecida e atingiu o seu auge a partir de 1852 com a Guerra de Secessão dos Estados Unidos de 1861 a 1865. Considera-se como sendo o período mais importante na produção de algodão no Brasil e tal surto foi baseado na escassez do produto nos mercados ingleses e no braço escravo. Com o término da Guerra Civil Americana, cessou a procura do algodão brasileiro, coincidindo ainda com a queda do mercado açucareiro, ocasionando grandes problemas de ordem econômica que atingiram sobremodo o agreste e o sertão nordestino. A região sertaneja do Nordeste brasileiro era atrasadíssima, raras eram as escolas em algumas vilas, a sociedade enfrentava também a ilegalidade e a desordem, o que possibilitou o aparecimento de fortes grupos armados e o surgimento dos jagunços, que espalhavam terror na região, saqueando, matando, cometendo uma série de atrocidade na região. Segundo Nascimento,

A Região Brasileira Nordestina enfrentava um grande problema social, resultante do fim da escravidão, a aristocracia local, sacudida pela perda de uma força de trabalho certa, enfraquecia-se cedendo aos poucos, seu lugar poderoso e dominante na política regional. A oligarquia seria combatida pela imprensa, pelos interesses comerciais urbanos e pelos militares, o fenômeno do cangaço antes limitado, cresceria de 1890 a 1918 e com nova forma, em vez do cabra, capanga ou jagunço a serviço de um chefe político da região, agora existe um cangaceiro (1996, p. 41).

No campo religioso, o misticismo era tão acentuado que possibilitou o surgimento do messianismo na região nordeste da Bahia, com a presença de Antônio Vicente Maciel, o conselheiro, o messias brasileiro, desde então o povo acompanhou o conselheiro nas suas peregrinações, até quando ele foi preso sob acusação de haver assassinado sua própria mãe e a esposa em Quixadá, no Ceará. Fato que não passou de falsa imputação. Em liberdade, o beato retornou ao sertão da Bahia e passou a fazer suas pregações e a ser chamado de santo Antônio

Conselheiro Aparecido, atuou em uma região assolada pela seca, flagelada que dizimava o nordestino há anos, haja vista que em 1877, cerca de meio milhão de nordestinos flagelados morreram de sede e fome, o imperador Dom Pedro II prometeu vender as joias da coroa para que nenhum sertanejo passasse fome (NASCIMENTO, 1996).

Em Canudos, o povo dedicava-se a construção de casas, ao plantio de roças de milho, feijão e mandioca, ao comércio de artesanato e tinham pesadas obrigações para com as atividades religiosas e comunitárias, para os habitantes o advento da República era um prenúncio do juízo final. Os republicanos repudiavam as ameaças e preparavam-se para empreender uma investida contra o beato, procurando com isso despertar as autoridades constituídas no país para o grande perigo representado por Canudos (CURRAN, 2009). Segundo Curran,

Antônio Conselheiro vestia-se de frade, pregando uma moralidade estranha e rígida, através de uma mensagem que se caracterizava francamente como um culto fanático, perambulando pelo sertão, passou por Sergipe, até chegar ao Arraial de Canudos no interior da Bahia, um líder que exercia autoridade e controle absoluto sobre seus seguidores que por sua vez ofereceram-lhe títulos divinos e total obediência (2009, p. 50).

O estopim do conflito se deu quando Antônio Conselheiro comprou um lote de madeira em Juazeiro na Bahia para obras da Igreja de Canudos, Arlindo Leonel, juiz de direito, ex-reitor de Bom Conselho a quem os jagunços muito temiam pela sua austeridade, e haviam jurado mata-lo. Conselheiro despachou alguns homens para conduzir as madeiras nos ombros, pegaram a madeira e começaram a conduzi-la para Canudos ao som da zabumba, gaitas, rezas enquanto atravessavam as ruas da cidade. O juiz indignado com o barulho da cantoria, ordenou que a polícia fizesse parar com aquela algazarra, de nada adiantou, enquanto uns se calavam outros começavam com a cantoria, irritando os policiais que investiram contra o povo de Canudos (CURRAN, 2009).

Iniciado o conflito entre o exército e os moradores de Canudos, após a resistência da comunidade, o exército conseguiu exterminar a resistência, os sobreviventes foram degolados depois de se negarem a gritar “Viva a República”, outros fugiram, entrando mata a dentro, pela caatinga e tempos depois esses sobreviventes formaram grupos que saqueavam e matavam fazendeiros, comerciantes e pessoas que reputavam traidores, com esses bandos deu-se início ao banditismo social que tem como principais comandantes Antônio Silvino, Sinhô Pereira e Virgulino Ferreira da Silva (Lampião) (CURRAN, 2009). Segundo Curran,

A história de Antônio Conselheiro e da guerra de Canudos foi o primeiro grande evento nacional registrado no cordel por um escritor conhecido, um dos pioneiros do gênero. Para os leitores humildes da crônica cordeliana, talvez tenha sido a primeira oportunidade de um acontecimento marcante da realidade nordestina, história em

verso na poesia popular. O relato foi feito pelo soldado-poeta João Melchades Ferreira da Silva converteu-se num protótipo para literalmente inúmeras narrativas populares baseadas em eventos posteriores, até a atualidade (2009, p.18-19).

Diante da incapacidade do poder público na região, somado a seca, fome e pobreza deflagrou uma série de distúrbios sociais onde permitiu o surgimento do banditismo social, na qual dois grandes grupos se destacaram, os jagunços ou capangas que sempre se figurou como bandidos comuns ou mercenários, também conhecidos como pistoleiros a serviço do poder econômico local, atuando nas lutas em torno de limites de propriedades entre familiares, ou políticas. O segundo, os cangaceiros que, de certa forma, podem ser apresentados como bandidos sociais, uma vez que eram apoiados pelas comunidades, a qual legitimava os seus atos considerando-os até indispensáveis à preservação da honra de bandido e colaborava no fornecimento de alimentos, esconderijos e informações. Por sua vez, os cangaceiros cometiam não violência contra as comunidades de que provinham e sim a força pública, as volantes, e os contratados denominados “macacos” (CURRAN, 2009).

No sertão nordestino atuaram vários bandos de cangaceiros, os primeiros que se tem relatos foram o bando de “Inocência Vermelha”, sucedido por “João Calangro” que vagueou durante muitos anos sob a proteção de Padre Antônio de Jesus, de Barbalha. Segundo Curran,

Os cronistas populares como Leandro Gomes de Barros e seus amigos contemporâneos não podiam deixar de registrar e comentar o cangaço que, por sua inigualável relevância para a vida do Nordeste, compõe um dos ciclos temáticos mais marcantes da literatura de cordel. Além de relacionar-se com a política, está muito ligado ao tema do heroico. Nesse contexto surge o banditismo social e os esforços do governo (local, estadual e nacional) para combatê-los, constituem um dos mais importantes capítulos da história nordestina. É vasta a produção escrita sobre o tema, além dos relatos históricos e jornalísticos, inclui os da literatura erudita e os do cordel (2009, p. 60-61).

Outro precursor do cangaço no Nordeste foi Jesuíno Alves de Melo Calado, Jesuíno Brilhante, nascido em Patu no Rio Grande do Norte, se tornou bandido ao entrar no bando de seu tio José Brilhante, cangaceiro temido e respeitado que morreu em pleno combate. Levava uma vida pacata como todo sertanejo da época, trabalhando na pecuária até, que por intrigas de família, entrou para o cangaço, organizou seu bando, adotou o apelido de Brilhante em homenagem a seu tio cangaceiro e deu início a uma vida de fugas e correrias (CURRAN, 2009).

Jesuíno Brilhante, na maioria das vezes não roubava para si, assaltava armazéns e comboios de viveres e geralmente do governo para distribuir mantimentos aos flagelados, era sustentado pela família Alves de Melo, ao morrer, em 1879, havia adquirido a fama de protetor dos oprimidos. Segundo Curran,

No cordel, o cangaceiro é o herói por excelência misto de bandido, criminoso e lutador pela justiça no sertão nordestino, nas obras cordelianas contemporâneas é visto como

o tipo heroico legítimo, maior do que a vida, verdadeiro “cavaleiro do sertão”, com as cintas repletas de balas, o rifle papo-amarelo (Winchester 44), o revólver e o facão. É conhecido pelos epítetos: Rei do cangaço, Rei do sertão, Terror do Nordeste, Rifle de ouro, Leão do Norte, Mestre da morte e no caso de Lampião, Galo Cego (2009, p.61).

No início da República surgiu Antônio Silvino, chamava-se Manuel Batista de Mourais, natural de Afogados da Ingazeira, no Alto Sertão Pernambucano, ingressou no cangaço no bando de Silvino Aires, logo esse chefe de bando foi preso pela polícia e Manoel adotou o nome de Antônio Silvino em homenagem ao amigo. Era conhecido também por ser vaidoso, gostava de perfumes, de passar brilhantina no cabelo e cobrir os dedos com anéis, tinha excepcional resistência física. A sua maneira de agir inspirou muitos escritores de cordéis. Antes de saquear um povoado ou cidade, costumava passear de braços dados como prefeito ou com o delegado, só depois recolhia o dinheiro, parte do qual era distribuído aos pobres. O bando de Antônio Silvino era pequeno, mas chegou a ter 60 homens, seguia sempre o código de ética dos antigos chefes de bando, não incorporava quem se embriagasse ou desrespeitasse as famílias (CURRAN, 2009).

Silvino se tornou inimigo implacável da Great Western, arrancava os trilhos, perseguia funcionários, engenheiros, cobrava dos passageiros nos trechos já construídos. Segundo Curran,

A poesia sobre esse cangaceiro está entre as mais notáveis e poderosas de toda a literatura de cordel, principalmente porque Leandro Gomes de Barros, antes de todos, e Francisco das Chagas Batista, depois, foram dois poetas ricamente dotados de talento, Luis da Câmara Cascudo, autoridade sobre a fase pioneira do cordel sustenta que a poesia do fim do século XIX e começo do século XX foi a mais expressiva do cordel e realmente guarda o sabor do sertão (2009, p. 67).

Mais um bandido vindo do sertão pernambucano foi Sebastião Pereira da Silva, o Sinhô Pereira, nasceu em 20 de janeiro de 1896, em Vila Bela, atual Serra Talhada, era descendente de uma grande família da burguesia rural do sertão pernambucano, empenhou-se nas lutas dos Pereiras e dos Carvalhos que perduravam desde meados do século passado, tendo causas principais o mando político e econômico. Tinha fama de educado, famoso pela distribuição de justiça aos menos favorecidos (CURRAN, 2009).

Aderiu ao cangaço ainda jovem com 18 anos de idade para vingar o assassinato de seu irmão Né Pereira, que foi abatido quando dormia na própria casa, com um tiro na cabeça. Sinhô celebrou-se nos anos 20 a 22, espalhando terror na caatinga de Serra Talhada, do Pajeú ao Cariri. O grupo comandado por Sinhô Pereira era composto por jovens na faixa etária de 21 anos, procedentes da caatinga, de pobres povoados sertanejos e até mesmo das cidades interioranas do sertão e do agreste nordestino (CURRAN, 2009).

A iniciação consistia em saber manusear uma arma de fogo, principalmente uma carabina, ser forte, ter coragem e se dispor a fazer qualquer sacrifício. Os cangaceiros conseguiam viver anos na caatinga, dormindo no chão, passando fome, sede, batendo recorde de percorrer muitas distâncias, não deixavam rastro, nem um galho sequer quebrado, andando no mato quase sem fazer ruído. Segundo Nascimento,

Roupas de tecidos resistentes, onde predominavam o brim cáqui e o azul, calças ao feitiço matuto, tipo túnica com mangas compridas, chapéu de couro ou de feltro com aba larga, calçado de alpercatas também chamadas de “alpercatas ferradas” feitas de sola macia, bem curtida, cobrindo o pé. Por debaixo da blusa, as cartucheiras das armas, curtas pistolas, parábéluns ou revólveres, as duplas levavam de 9 ou 101 balas, as simples 50 balas. Cobertor de couro conhecido como cobre corno, em forma de charuto, bornais para carregar alimentos, cabaça para carregar água e cantil para carregar cachaça. O cangaceiro aparelhado era algo notável, sua resistência física e suas táticas de guerrilha fazia inveja a qualquer força militar da época (1996, p. 17-18).

Sinhô Pereira marcou época no sertão nordestino, temido e louvado pelo povo, não era muito de conversa, não gostava de intrigas e de fuxicos e sua fama foi cantada em versos e prosas como protetor dos humilhados e dos perseguidos. Sebastião Pereira seguiu fielmente a trilha dos seus antecessores, Jesuíno Brilhante, Antônio Silvino, fazendo arder o sertão em busca de justiça e vingança, Sinhô Pereira não roubava, fazia justiça e casava moças ultrajadas, não bebia nem jogava. No imaginário popular foi cantado e admirado mais que seus antecessores em folhetos de cordéis e em rimas e prosas (NASCIMENTO, 1996).

Deixou o cangaço com 25 anos de idade, sofria de dores reumáticas acentuadas pelas péssimas condições de vida no cangaço, deixou a vida árdua de cangaceiro em agosto de 1922 no município de Jardim no Ceará, despedindo-se de seus comandados, Gato, Antônio Livino e Virgulino que já era chamado de Lampião em vista a quantidade de fogo que saiu da boca de seu fuzil, quando do tiroteio com forças que combateram um Buíque, Pernambuco. Sinhô Pereira rumou para Joias, muitos anos depois foi encontrado vivendo pacificamente em Lagoa Grande, Minas Gerais (NASCIMENTO, 1996).

O cangaço em sua história teve grandes chefes de bando, mas nenhum foi igual a Virgulino Ferreira da Silva, Lampião, e com ele mudou a tradição dos velhos cangaceiros e implantou o terror, Virgulino teve uma infância comum a de todos os sertanejos de sua época e de classe social, dedicando-se na infância aos estudos das primeiras séries, as brincadeiras de volante e cangaceiros espelhando-se em Antônio Silvino, célebre chefe de cangaceiro, na adolescência sua vida era normal como a de tantos outros jovens nordestinos, ajudava o pai na lavoura, principalmente, na de cereais, plantava milho no dia 19 de março, dedicado a São José, logo depois, o feijão. Plantava algodão com o qual tecia redes (NASCIMENTO, 1996).

Assim como a maioria dos sertanejos, Virgulino também foi vaqueiro e era implacável na perseguição de uma rês brava, penetrava no mato fechado ou na caatinga-de-porco, xique-xique, faveleira, pião, juazeiro e malvas, montando fogoso cavalo alazão. Dizem que Virgulino era dançarino dos mais famosos, tocava de ouvido e era afamado repentista. O célebre Rei do Cangaço participava dos festejos juninos da sua região, cantando, dançando, soltando fogos sob o chuvisco e a friagem do sertão, e junto com os rapazes e as moças saltavam fogueira firmando a compadria. Segundo Neves,

A festa junina é uma tradicional festividade popular que acontece durante o mês de junho. Essa comemoração é comum em todas as regiões do Brasil, especialmente no Nordeste, e foi trazida para o Brasil por influência dos portugueses no século XVI. Inicialmente, a festa possuía uma conotação estritamente religiosa e era realizada em homenagem a santos como São João e Santo Antônio (2015, p. 2).

Virgulino também foi arreio de Delmiro Gouveia e conduzia cargas de couro em mulas e burros de Pedra (atual Delmiro Gouveia), em Alagoas para Bom Conselho e Garanhuns, no agreste de Pernambuco, região que conhecia detalhadamente, palco de grandes combates entre cangaceiros e policiais. O fato histórico registrado, o ingresso de Virgulino e seus irmãos, Livino e Antônio, no cangaço, prende-se a inimizade entre os Ferreiras e os Barros, apelidados de Saturninos. As diferenças entre as duas famílias começaram quando os saturninos acusaram os filhos de José Ferreira de lhe maltratarem animais e de furtarem chocalhos das suas cabras, mas o estopim da confusão aconteceu em 1916, quando Virgulino e seu irmão Livino passaram com um gado em um pasto de propriedade dos Saturninos, iniciando uma confusão com os empregados dos Saturninos, logo depois um tiroteio no qual morreu um jagunço de Saturnino, Antônio Ferreira foi alvejado na coxa (NASCIMENTO, 1996).

A família de José Saturnino era muito influente politicamente, era uma coisa comum nessa época, o Ministério Público era uma instituição fraca, sempre ligada a políticas e os figurões do lugar e nunca iam de encontro com os mandões de terra, os famosos coronéis (NASCIMENTO, 1996).

A família Ferreira começou a sofrer pressões face ao comportamento de Virgulino e seus irmãos Antônio e Livino, os Ferreiras se transferiram a um lugar chamado Nazaré no município de Floresta, distante de Serra Talhada, entre as duas famílias foi firmado um acordo e os Saturninos não andariam em Nazaré, e os Ferreira não andariam em Serra Talhada, evitando um confronto entre as duas famílias, entretanto Zé Saturnino e Nogueira não firmaram esse acordo e passaram a frequentar a feira de Nazaré. Esse fato deu início a um intenso tiroteio, Virgulino e seu tio trocaram tiros com Saturnino e Nogueira, depois desse fato os Ferreira não

tiveram mais sossego, a polícia começou a fazer a segurança dos Saturnino e dos Nogueira (NASCIMENTO, 1996).

De Nazaré, os Ferreira se mudaram para Água Branca em Alagoas, perto da cachoeira de Paulo Afonso, ainda sofrendo perseguições dos Saturninos, a família de Virgulino se estabeleceu em um lugar chamado Olho d'Água, em um sítio arrendado extraindo da roça o seu sustento. Foi nessa época que Virgulino e seus irmãos entraram para o cangaço acompanhando o bando comandado por Sinhô Pereira e logo depois de algumas campanhas feitas em combates no cangaço. Segundo Nascimento,

Existe três versões usadas para a origem do apelido de Lampião. A primeira: como ele trabalhava de almocreve de comboios de peles a sua mula esbarrou em um Lampião. A segunda: é provavelmente a mais precisa, em um combate em Buíque ele comentou que seu rifle nesta noite não deixou de ter clarão, e Sinhô Pereira então disse: Sendo assim o rifle desse homem é que nem Lampião. A terceira: pegando um gancho na segunda versão, contada em cordéis: Então disse Virgulino: – Compadre, peste atenção; Meu fuzil o alumia; Você no clarão; Sabino, olhando no barro; Em procura do cigarro; Disse – Acende, Lampião (1996, p. 25).

Iniciando a sua vida como chefe do bando de Sinhô Pereira, Lampião fez um ataque a Pariconha, no estado de Alagoas, por conta desse ataque a polícia alagoana teve no seu encalço, a volante do Sargento José Lucena foi até a fazenda onde o pai de Lampião morava na esperança de encontrar Virgulino, cercando a casa os soldados abriram fogo contra a casa matando José Ferreira, pai de Lampião e o proprietário da fazenda, o senhor por nome de Fragozo (NASCIMENTO, 1996).

Lampião depois do acontecido foi para Pernambuco, onde se sentia mais seguro, mas ao sair de Alagoas atacava vilas e fazendas e ateava fogo no que podia, como uma resposta pela morte de seu pai, a atividade dos bandidos endurecia a vida dos sertanejos nordestinos. Matildes abandonou o grupo, seguindo para a Paraíba, tendo assumido a chefia Antônio Porciano, tempos depois, os Porcianos deixavam o bandidismo e embrenharam-se na Bahia (NASCIMENTO, 1996).

Lampião tornou-se o chefe supremo do grupo de bandoleiros, reuniu, logo depois de 1922 os ex-cabras de Sinhô Pereira. O apoio logístico durante toda a sua época no reinado do cangaço foi espetacular, contando com os “coiteiros” em apoio ao bandidismo, dando asilo e proteção hora por intimidação, por medo, interesses pessoais. A figura desse personagem foi fundamental para a sobrevivência do cangaço e foi também um fator determinante para a seu fim (NASCIMENTO, 1996).

Como os seus antecessores, como seu antigo chefe de bando Sinhô Pereira, Virgulino aderiu ao cangaço por intrigas familiares, por questões de limite de propriedade, acusações de

roubo de animais, a família de José Alves de Barros, ou Zé Saturnino, acusava Virgulino e seus irmãos de fazerem esses furtos, esse conflito começou em 1916 numa passagem de gado por uma propriedade de Zé Saturnino. Os Saturninos com grande influência política, impuseram vários tipos de perseguições pela polícia à família de Lampião, tal conflito resultou na morte de seu pai José Ferreira, Lampião tornou-se, em 1922, chefe supremo do cangaço e manteve esse porto até sua morte em 1938. Dentre todos os cangaceiros que existiu no nordeste brasileiro, foi o mais estrategista. Lampião e seu bando foram convocados pelo Estado para combater a Coluna Prestes, como é descrito por Mark Curran (p. 84), “os serviços de Lampião foi oferecido a Coluna Pestes por intermédio de Matilde, uma espécie de guia da Coluna na Paraíba, o que foi prontamente recusado por Luiz Carlos Prestes e dizendo: Deixamos o Lampião aceso por aí, para dar trabalho aos governos”. Lampião foi convidado a fazer parte da União Patriota, sendo que o intermediário para a convocação de Lampião foi Padre Cícero. Segundo Curran,

Luiz Carlos Prestes era a grande novidade no Nordeste, o Coronel guia seus rebeldes do Paraná através do Mato Grosso; cruza o Rio Paraguai e sobe por Minas Gerais, até a Bahia e Pernambuco, evitando as cidades do litoral, o grande contingente da coluna fica bem no interior, ao mesmo tempo que divulga a causa da rebelião, procurando sobreviver lutando em pequenas cidades e vilas, apelidado de cavaleiro da esperança, exerceu atração mística sobre seus seguidores, e sobre muitos brasileiros que o admiravam (2009, p. 95).

Lampião não teve muita aceitação na frente patriota pelas suas ações no cangaço, os líderes da frente patriota não reconheciam sua patente de capitão dada por Padre Cícero em visita a cidade de Juazeiro quando foi convocado para fazer parte da frente patriota. Lampião tempos depois abandonou a frente e a perseguição a Coluna Prestes quando percebeu que sua patente não tinha valor. Há outra história que o real motivo foi outro, citado por José Anderson Nascimento (p. 84); “consta que Lampião deixou de combater a coluna prestes devido ao receio de ser vencido, face ao grande número de soldados revolucionários, como de armas que transportavam”. O fato é que não se sabe ao certo qual das duas versões é verdadeira, o que se sabe com certeza é que Lampião abandonou a perseguição à coluna e voltou ao cangaço com melhores armamentos doados pelo Estado para a perseguição à coluna. O escritor de cordel Francisco das Chagas Batista, descreveu a passagem da coluna Prestes na região nordestina, cumprindo um papel importantíssimo como jornalista do povo (NASCIMENTO, 1996).

Chagas Batista faz um resumo da vida dos cangaceiros em **História completa de Lampião**, que une os elementos mais importantes do mito aos fatos num duelo oral de cordel, uma peleja em que cada rival se gaba de suas proezas para assustar o outro, reproduzindo a linguagem dos folhetos anteriores sobre o cangaceiro Antônio Silvino. Lampião voltou a fazer tudo fazia de melhor, colocando em prática as táticas que aprendeu com seu antecessor chefe

de bando, mas agora muito mais bem preparado, tendo em vista dos novos armamentos adquiridos (NASCIMENTO, 1996). Lampião é descrito em versos de cordel por vários poetas, como herói, como vilão. Lampião se torna um herói, um salvador da pátria contra a coluna Prestes, isso descrito por Francisco das Chagas Batista. Segundo Curran,

Concelhos do Padre Cícero à Lampião, escrito por Francisco das Chagas Batista, mostra o cangaceiro e seu grupo como salvadores dos legalistas nas lutas contra a coluna prestes, perto do Juazeiro do Norte em 1926 (2009, p. 72).

Essa passagem de Lampião ao Juazeiro, que se interessa a defender uma causa por razões familiares e também religiosa, o cangaceiro cita ter familiares na região, e tomar a benção do Padre Cícero com a promessa de largar o cangaço e a vida de bandoleiro depois de resolver algumas questões, comprovando que, na visão Chagas Batista ou na maioria de suas histórias ou contos, Lampião era visto como herói ou salvador da pátria, ou com um certo poder místico, como pacto com diabo, briga com onças e governador dos sertões (CURRAN, 2009, p. 72):

No sertão onde eu governo
A justiça é positiva
O juiz é meu fuzil
Donde toda lei deriva
Todos me pagam imposto
E quem não pagar com gosto
Conte com minha ofensiva

Chagas Batista inspirou muitos poetas, depois de sua morte em décadas seguintes, assim como seus amigos poetas contemporâneos, o seu modo de relatar ou descrever fatos, histórias verídicas da vida de Lampião e de outros cangaceiros antes e depois de Lampião. Diferente de seu amigo João Martins de Athayde, que tinha uma visão totalmente diferente do cangaceiro, para Athayde, Lampião era um bandido perverso e sanguinário que não ajudava os pobres, matava e roubava, sequestrava ao seu prazer pessoal, uma visão que também muitos escritores iriam descrever, inspirados nos seus contos cordelianos (CURRAN, 2009).

João Martins de Athayde, em **Novas Proezas de Lampião**, o poeta pinta-o como um assassino perverso, que mata, viola moças e comete toda a espécie de crime hediondo (CURRAN, 2009):

No exército brasileiro
Pelo Partido Legal
Lampião incorporou-se
Com todo seu pessoal
A corporação foi feita
Pelo técnico federal.

De Capitão Virgulino
Foi recebida a patente
Para Primeiro Tenente
Sabino Gomes, segundo,

Um legalista valente.

No exército patriótico
Surgiram novos rebentos
Luiz Pedro e Gato Bravo,
Com patentes de Sargentos
E o restante, soldados
Legalista de talentos.²

A história de Lampião, assim como o cangaço, termina em 28 de julho de 1938, na Grota de Angicos, o coito de Lampião e seu bando já estava cercado, numa manhã era observado pela volante do Tenente João Bezerra, da polícia militar de Alagoas, os cangaceiros já estavam acordados fazendo sua higiene matinal, cada movimento era observado pelos soldados. Esse ataque surpresa não deu a mínima chance ao bando e foram arrasados. Por ser um ataque surpresa e o local onde os cangaceiros estavam não ofereceu nenhuma chance de defesa, o coito se tornou um pânico geral, no banho de sangue que se iniciou, 11 integrantes do bando com o casal Lampião e Maria Bonita foram mortos, tiveram suas cabeças decepadas, poucos cangaceiros conseguiram escapar. As cabeças foram levadas para a cidade de Piranhas, onde foram exibidas à população da cidade nos degraus da igreja (NASCIMENTO, 1996). Segundo Nascimento,

Ninguém podia avaliar com precisão a alegria da população sertaneja, ao receber a notícia da morte de Lampião. Na verdade, Lampião havia constituído a cerca de vinte anos um problema insolúvel na zona rural, flagelo que não respeitava vidas, desrespeito contínuo aos preceitos mais rudimentares do sentimento humano (1996, p. 316-17).

O momento histórico mais dramático de Lampião tinha sido a última luta, que culminou com sua morte, narrado por João Martins de Athayde em **A morte de Lampião, A chegada de Lampião e Maria Bonita a Maceió** e Corisco vingando seu chefe (Curran, 2009).

As cabeças continuaram uma macabra exibição pelas principais cidades do Nordeste e em algumas capitais. Em Maceió, as cabeças já exalavam mau cheiro e com um alto grau de decomposição, mais de dez mil pessoas saíram às ruas para vê-las, como é descrito por Mark Curran, (p. 74), a partir da narrativa de João Martins de Athayde. O poeta descreve a chegada das cabeças cortadas a Maceió, horripilante, nojentas, com mau cheiro, foram examinadas por cientistas a procura de anabolina craniana. Com o término do cangaço e do bandidismo social, novos poetas cordelistas do início do século XX, continuaram contando essa história, ora como fatos reais, ora criando versos fictícios.

² MEDEIROS, p. 25-26.

Os cinquenta anos seguintes trarão ainda muitas histórias novas, algumas baseadas nos velhos folhetos e na realidade histórica, outras totalmente ficcionais, ampliando o mito do cangaço (Curran, 2009, p. 75):

Nas rajadas foram mortos
Enedina o Lampião,
Junto a Maria Bonita,
Tombaram mortos no chão
E mais oito cangaceiros
Morreram ali no grotão

Mostrando aonde passava
Lá em Maceió trataram
De todas onze cabeças
Direitinho embalsaram
Tiraram para Salvador
Em todo canto mostraram.³

A descrição cordeliana fala do acontecimento de Angicos, Sergipe, da morte do rei do cangaço, mas como já foi dito, vários autores nos cinquenta anos seguintes se inspiraram nos versos dos antigos poetas, como afirma Mark Curran (p.75-6); “esse fenômeno tornou-se a epopeia moderna do Nordeste... tornando possível vários tipos de cordel fictício sobre o rei do cangaço”. O autor cita o cordelista Dantas:

Maria estava irritada
Tinha cara de jumento
E, nem mesmo Lampião
Escapou do xingamento
Lampião deu uma risada
Disse – Mate seu rebento.

Maria ficou maluca
Virada mesmo no cão
Quebrou a cabeça d’água
Na cabeça de Lampião
Que dava tanta risada
Chega rolava no chão.⁴

2 CARACTERIZAÇÃO DO NORDESTE NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Para se estudar o cordel é importante conhecer um pouco do cenário onde ele nasceu. A região nordestina enfrentava um grande problema social, resultante do fim da escravidão. Como evoluíram e interagiram a massa de ex-escravos negros e seus descendentes, os trabalhadores

³ MEDEIROS, p. 15-16.

⁴ DANTAS, Ronaldo Doria. **Lampião, coisas do cangaço**. p. 27.

brancos pobres, formadores da classe baixa rural e grandes fazendeiros, ex-donos de capital e de escravos, a nova aristocracia local sacudida pela perda de uma força de trabalho, enfraquecida, cedendo seu lugar dominante na política regional. A oligarquia seria combatida pela imprensa, pelos interesses comerciais urbanos e pelos militares, tal oposição, junto com desassossego popular nas cidades nordestinas, abriria caminho para as salvaçãoes do norte, o primeiro grande desafio ao antigo regime. O fenômeno do cangaço, cresceria de 1890 e 1918 e com nova forma: em vez do cabra, capanga ou jagunço a serviço de um chefe político da região, agora existia um cangaceiro novo, como Antonio Silvino liderando seu próprio grupo e, as vezes, desafiando o poder dos donos de terra (CURRAN, 2009, p.41). Segundo Nascimento,

Torna-se fácil compreender como era a difícil vida das gerações passadas no Nordeste Brasileiro, o que não impeliu de apoiar o bandidismo e depois emigrar para as maiores cidades do Nordeste ou para outros estados da federação, a seca era uma dura realidade, a cada decênio, ocorre uma seca muito rigorosa que afeta quase toda a região e causa intenso êxodo, essa dificuldade causando uma difícil sobrevivência, permitiu a propagação do bandidismo (1996, p.14).

Os velhos modos e a estrutura social do Nordeste foram debilitados pela migração do povo, desde a grande seca de 1877. Ondas de nordestinos partiram em busca das oportunidades oferecidas em outras regiões do país, essa mudança, resultaria em vários tópicos relacionados ao cordel de época, a história do pobre nordestino que se converte trabalhador nos grandes centros urbanos do país ou em outras situações iam tentar a sorte nos seringais no Norte. Importantes fatores econômicos, que iriam determinar novos temas do cordel, também forçariam muitos nordestinos a deixar a terra natal e levariam alguns deles a encontrar no próprio cordel uma nova fonte de sobrevivência, a escravidão foi substituída por um sistema de trabalho assalariado, pois, a mentalidade e o sistema do patronato continuariam a existir por algumas décadas, mas a produção da cana-de-açúcar evoluiu do antigo banguê de propriedade e controle da velha oligarquia à moderna usina. Novos produtos como o café e o algodão, a queda da produção de viveres, traria o aumento de preços e a elevação do custo de vida e do índice de pobreza da classe trabalhadora (CURRAN, 2009 p. 41-42). Para Nascimento:

Demograficamente pouco evoluída a sociedade sertaneja enfrentava a ilegalidade e a desordem, o que possibilitou o reaparecimento de fortes grupos armados que espalhavam o terror na região, saqueando e matando, incendiando propriedades, enfim, cometendo uma série de atrocidades. Uma região atrasada, raras eram as escolas encontradas em alguma vila, as famílias remediadas contratavam mestre-escola para ensinar seus filhos a conhecer as letras e a soletrar, já para os filhos da classe menos favorecida a caneta era a enxada (1996, p. 10).

Foi nesse contexto que surgiu o bandidismo social e os esforços do governo (local, estadual e nacional) para combatê-lo, constituem um dos mais importantes capítulos da história

nordestina. Além dos relatos históricos e jornalísticos, inclui os da literatura erudita e os do cordel, as causas do fenômeno, os personagens e as consequências sociais foram abordadas em várias teses de história, sociologia, economia, política. No cordel, o cangaceiro é o herói por excelência, misto de bandido, criminoso e lutador pela justiça no sertão nordestino, sendo que nas obras cordelianas, é visto como o tipo heroico, maior do que a vida, verdadeiro cavaleiro do sertão, terror do Nordeste (NASCIMENTO, 1996). Para Nascimento,

O cangaço teve seu início no final do século XIX, com o fim da Guerra de Canudos consolidando seu auge entre os anos de 1900 e 1940, no agreste do nordeste brasileiro formando-se grupos oriundos da miscigenação de índios e escravos fugitivos de engenho, os brancos geralmente eram os senhores de engenho, grandes coronéis latifundiários, provindo do litoral, obtendo sucesso com a exploração da cana-de-açúcar ou com o comércio, dedicando-se no início a pecuária, posteriormente isto e consequentemente prestígio político. (1996, p. 9)

2.1 A literatura de cordel

A literatura de cordel chegou ao Brasil a bordo das caravelas, é próprio do homem em seu deslocamento levar consigo a sua cultura. Uma tradição simbólica de Portugal com trovadores medievais e poetas que cantavam seus poemas nos séculos XII e XIII, os quais espalhavam histórias à população, que na época era analfabeta. O intercâmbio se ampliou, e a poesia tradicional no Nordeste do Brasil se consolidou. Fundada sob o signo do fantástico, a poesia popular supriu uma lacuna que a historiografia não podia preencher. No fim do século XIX, o Nordeste assistiu ao ressurgimento do Brasil, surgimento da poesia popular em sua forma escrita e em grande escala, o caminho já estava preparado e a voz do poeta popular, ampliada pela coletividade, pode levar o necessário de literatura a uma população analfabeta (HAURÉLIO, 2010, p.16-17). Segundo Curran,

A literatura de cordel é uma poesia folclórica e popular com raízes no Nordeste do Brasil, consiste basicamente em longos poemas narrativos chamados Romances ou Histórias, impressos em folhetins ou panfletos de 32 ou raramente 64 páginas que falam de amores, sofrimento ou aventura, num discurso heroico de ficção. Essa é uma parte significativa do cordel em termos de números de poemas publicados, mas nem de longe representa todo o gênero (2009, p.17-18).

O cordel é a poesia popular, herdeira do romanceiro tradicional, tributária da literatura oral, desenvolvida no Nordeste e espalhada por todo o Brasil pelas ondas migratórias. Uma literatura que reaproveita temas da tradição oral, com raízes no trovadorismo medieval lusitano, continuadora das canções de festas. Reducionista de jornal do povo, descende do rapsodo grego. No Brasil a imagem da cultura livresca, dos moldes importados dos salões, vicejou espantosa

literatura oral, fazendo, muitas vezes pela boca de uma única pessoa se manifestarem civilizações, apenas um retalho das antigas tradições chega até nós, no contexto popular do Nordeste, por exemplo, é possível se escutar uma história que é a mesma de povos antigos (HAURÉLIO, 2010, p. 17). De acordo com Curran,

Os textos mais remotos do cordel da primeira fase do cordelismo usa textos como referência da tradição oral do duplo poético (a peleja) e também a literatura de cordel espanhola e portuguesa, principalmente os poemas longos chamados de romances ou histórias, assim conseqüentemente o cordel pioneiro da primeira fase serviu de inspiração para muitos autores em milhares de títulos até o fim do século XX. (2009, p. 43-48).

2.2 As primeiras narrativas do cordel

A primeira dificuldade que se enfrenta para descrever o cordel antigo é o fato de que já se passou quase um século desde as primeiras publicações, é preciso recorrer à arquivos públicos, coleções particulares, registros impressos de debates e discussões entre estudiosos para obter informações. Alguns dos acervos principais, antologias fac. similares e esforços dos estudiosos já resultaram num alto grau de certeza a respeito dos autores da maior parte dos poemas, com um texto assinalado ou uma indicação provável de autoria feita por um estudioso, é possível tirar conclusões sobre o próprio texto e sobre seu autor. São poucos os cordelistas relevantes da primeira fase: Leandro Gomes de Barros, João Melchiades Ferreira da Silva, Francisco das Chagas Batista e João Martins de Athayde (CURRAN, 2009, p. 43).

LEANDRO GOMES DE BARROS (1865-1918, PB)

Foi o maior escritor do cordel antigo, num poema impresso em 1907, ele registrou que o escrevera 18 anos antes, mas seu texto mais remoto data da primeira década do século XX. Impregnado da tradição oral do cordel poético, também da literatura de cordel portuguesa, principalmente dos poemas chamados Romances ou histórias, esse escritor colocou em versos, na forma de sextilha e da septilha, clássicos da prosa de Portugal. Providenciou sua impressão e os vendeu em Recife, também criou novas histórias modeladas nos temas e formas antigos e ficou famoso pelo estilo jocoso exibido em versões de comentários social e de época. A estudiosa de cordel Ruth Terra acredita que a linha de crítica social de Leandro reflete um gênero de sátira que, datado talvez de 1817, 1824 e 1948, aparecerá na forma oral e imprensa em Recife. Um fenômeno semelhante ocorrido na Bahia, possível modelo para a poesia social

de Santo Amaro, poeta-repórter do cordel de 1940 a 1964 (CURRAN, 2009, p. 43-44). Segundo Haurélio,

Não é absurdo afirmar ser este o maior autor e considerado pai da literatura de cordel brasileira, já que explorou e deu forma a todos os gêneros e temas, preparando, assim, a estrada na qual os vates populares transitam ainda hoje, Leandro migrou para a região do Teixeira, ainda na Paraíba, um dos berços da poesia popular no Nordeste, aos 15 anos, mudou-se para as cidades pernambucanas de Vitória, Jaboatão e, finalmente, Recife, onde permaneceu até sua morte, ocorrida a 4 de março de 1918. (HAURÉLIO, p. 2019, p.19).

FRANCISCO DAS CHAGAS BATISTA (1882-1930)

Paraibano de João Pessoa, era amigo e colega de Leandro Gomes de Barros, escrevia e publicava folhetos desde 1902 e tinha sua própria gráfica, em sua cidade natal, desde 1913, ele e o irmão, Pedro, herdaram os direitos da obra de Leandro Gomes de Barros após a sua morte, até que a viúva os vendeu ao jovem João Martins de Athayde, em 1921. Francisco escreveu menos do que Leandro, mas foi importante na primeira fase do cordel por seus relatos dos principais acontecimentos da época, aqueles relacionados ao cangaceiro Antonio Silvino, aos eventos políticos locais e a Primeira Guerra Mundial (CURRAN, 2009, p. 44). Segundo o autor,

As narrações de Francisco das Chagas Batista serão mais reportagens de eventos e lutas específicas, os relatos mais recentes sobre Antonio Silvino, escritos depois de sua morte, serão inspirados em eventos e motivo já explorados por aqueles dois poetas, Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista e passarão as vezes da realidade histórica para o mundo fictício. O que se pode concluir é que Antonio Silvino é engrandecido tanto por Leandro quanto por Chagas Batista, aproximando do modelo heroico clássico; este, ligando-o as causas sociais, como solução para o estado de miséria das massas nordestinas (CURRAN, 2009, p. 43-65).

JOÃO MELCHIADES FERREIRA DA SILVA (1869-1933, PB)

Foi o autor de um texto cordeliano primordial sobre a Guerra de Canudos, embora o tenha escrito anos depois do evento, quando aposentado do serviço militar que o levava até o Acre após a famosa campanha, passou a dedicar-se à poesia popular. Seus poemas foram publicados pela gráfica mantida na capital por Chagas Batista, de quem era amigo e a quem serviu como informante para o clássico cantadores e poetas populares de 1929. João Melchиаdes escreveu sobre a Primeira Guerra Mundial, os impostos nacionais e os missionários protestantes que então lhe pareciam uma praga no Nordeste, porém o relato da Guerra de Canudos permanece como sua crônica mais famosa (CURRAN, 2009, p. 43-44). Para este autor,

O relato feito pelo soldado-poeta João Melchиаdes Ferreira da Silva converteu-se num protótipo para a literatura de cordel, inúmeras narrativas populares baseadas em eventos posteriores, até a atualidade, essa versão sobre Canudos que permite o leitor compreender como a narrativa de um evento importante cumpre os requisitos de crônica de época e, ao mesmo tempo, contribui para o registro da história brasileira com uma nota popular (2009, p. 49).

JOÃO MARTINS DE ATHAYDE (1880-1859, PB)

Foi o maior empresário do cordel nordestino. Athayde deixou o interior paraibano em 1898, fugindo da seca para radicar-se em Recife, onde começou a editar folhetos de cordel, em 1908. Montou uma gráfica em 1909 e escreveu alguns textos cordelianos na década de 1910. Em 1921, comprou da viúva de Leandro Gomes de Barros os direitos sobre os seus poemas e, a partir daí, construiu em Recife uma empresa que manteve até 1949, quando vendeu sua obra a José Bernardo da Silva, em Juazeiro do Norte, Ceará. A totalidade dos impressos produzidos na gráfica de Athayde chegou a ser conhecida como “Os Arrecifes”, ou seja, os livrinhos de Recife. Athayde soube fazer marketing e vender seu cordel numa área geográfica extensa – da Amazônia a Bahia. As mesmas histórias, mais tarde, seriam compradas, revendidas e reimpressas no Rio de Janeiro e em São Paulo. Poetas de gerações mais novas foram inspirados por ele, como o líder cordeliano Rodolfo Coelho Cavalcante, o representante mais destacado do cordel de 1955 até sua morte, em 1986. Ainda hoje se questiona a produção de originais por Athayde e seu talento como poeta, mas, ele escreveu alguns textos conhecidos e muitos outros lhe são atribuídos (CURRAN, 2009, p. 45). Segundo Haurélio,

Em 1921, Athayde adquiriu junto a viúva de Leandro, Venustiniana Elália de Barros, os direitos autorais de publicação de boa parte de sua obra, essa iniciativa foi em parte benéfica para o cordel, por que Athayde, a partir do Recife, profissionalizou a distribuição dos folhetos, adquiriu outras obras clássicas e, indiretamente, gerou centenas de empregos por meio dos muitos revendedores e agentes espalhados por feiras, mercados e pontos estratégicos, como estações de trem e portas de igrejas, teve ao seu serviço um jovem tipógrafo que se revelaria um magnífico poeta: Delarme Monteiro Silva, por outro lado o editor Athayde que era poeta de méritos passou a assumir a autoria dos folhetos de cordel por ele adquiridos, assinando todos os títulos. Leandro depois de morto foi a maior vítima desta prática condenável (2010, p. 21).

2.3 O cordel entre ficção e realidade

Muitos outros poetas atuaram na primeira fase do cordel. Porém, os principais autores foram os que acabamos de citar, todos eles viviam de seus folhetos, modestamente, mas orgulhosos de sua vocação e de seu papel de poetas e vozes do povo. Percebemos certas semelhanças; uma expressão repetida na descrição de um herói ou vilão, que se gabam de sua destreza ou se insultam mutuamente, o modo de narrar uma luta. Os poetas primeiros tinham para seus versos, um ou mais modelos que se vendiam no Nordeste, modelos de personagens, de narração episódica, de moral, de figuras poéticas, e o poema cordeliano como narração de um evento do dia, um acontecido, compartilharia recursos com outros tipos de relatos, isto é, poderia usar o discurso de um romance para descrever personagens, assim como reproduzir a

estrutura desafio-resposta característica da peleja ou duelo poético, imitar a narração das façanhas de um herói romântico contra todo tipo de obstáculos para enaltecer o herói. O relato de uma contenda entre um herói e seu rival – Antonio Silvino contra Lampião – seguiria o mesmo tipo de narração episódica de um romance de cordel. Temas, tópicos, enredos e estilos dos vários ciclos do cordel não são independentes, convergem. Fato e ficção formam uma mistura no folheto que atua como crônica popular (CURRAN, 2009, p. 46). Eis os versos de Zezé de Boquim,

Juntos, Corisco e Dadá
Rio Branco a sua amante
Vão pra Bom Jesus da Lapa
Daquele ponto em diante
Já estava combinado
Cada um para seu lado
Para um lugar bem distante.

Cortaram o cabelo, a barba
Pra melhorar as fachadas
Trocaram as indumentárias
Por roupas apropriadas
As armas curtas e as balas
Meteram dentro das malas
Para enfrentar as estradas.⁵

Corisco e Lampião
Caiu a sopa no mel
Foi mesmo que juntar
Jararaca e cascavel
Se um já tinha bravura
O outro em amargura
Era pior de que fel.

E assim viveu Corisco
Um terrível desumano
Uma vez matou um homem
E o filho de oito anos
Outra por desaforo
Matou e tirou o couro
Do pobre do Herculano.⁶

Como já foi dito, fato e ficção formam uma mistura aos folhetos de cordel, como nos exemplos citados.

Um sistema de valores sempre está presente: como crônica popular, a cosmovisão folclórica do cordel, em que o bem vence o mal, o justo é premiado e o injusto é castigado, prevalece até hoje. O bom poeta que tem êxito, o poeta cujos títulos são vendidos e revendidos no mercado, junta as artes de informar, ensinar e divertir, o valor de uma boa crônica cordeliana

⁵ CARVALHO, Elias A. de. **Dadá e a morte de Corisco**. p. 27.

⁶ BOQUIM, Zezé de. **A Vida Torta de Corisco**. p. 11.

não reside só no fato de documentar um acontecimento, e sim no fato de, ao fazê-lo, criar com palavras um retrato inesquecível, que capta a essência do evento. Desde o princípio, seus autores estavam impregnados a tradição, das crenças, valores e costumes transmitidos de geração relacionados a classe social, a igreja, a literatura, a tradição literária popular do Nordeste. Esse fenômeno baseou-se nos modelos narrativos da tradição literária popular europeia, das aventuras de Carlos Magno e seus doze pares. O sistema de valores de inspiração religiosa, baseado no catolicismo tradicional, o sistema social marcado pela estrutura de classes e o meio cultural do povo humilde contribuíam para formar a cosmovisão nas obras do cordel antigo, e o próprio cordel converteu-se em modelo para muitos autores e milhares de títulos até o fim do século XX: ideias morais, religiosas, sociais, econômicas e políticas se baseavam numa combinação entre o que havia antes, o que mudara (CURRAN, 2009, p. 47-48). Segundo Haurélio,

Uma obscura lenda medieval, conservada pela tradição, ajuda a entender o processo de difusão e o prestígio alcançado pela poesia popular no Nordeste. Quando se faz a travessia do oral para o escrito, num Nordeste ainda com forte cheiro de Idade Média, dominado pelo misticismo e pelo atavismo da gesta carolíngia, Leandro Gomes de Barros escreve algumas das mais belas páginas da nossa poesia popular. A partir da gesta de Carlos Magno, Leandro deu a lume *A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás e A prisão de Oliveiros*, inaugurando na literatura de cordel brasileira o gênero épico. Extraída da história do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França, as duas histórias composta em décimas de sete sílabas, faziam parte do ciclo carolíngio, que na Europa Medieval, se contrapunha ao ciclo bretão, os dois ciclos trazem algumas similaridades. Embora alguns estudiosos tenham enxergado na poesia popular um ciclo de “Carlos Magno”, são poucas as obras sobre o tema, além de títulos mencionados, pelo menos mais dois alcançaram destaque: *Roldão no Leão de Ouro*, de João Melchades Ferreira, e *A Morte dos doze pares de França* de Marcos Sampaio (2010, p 30-33).

2.4 Origens dos temas da literatura de cordel

Os temas de cordel são variados, até porque os seus autores e autoras retratam o que veem, sentem ou imaginam, descrevendo um velho conto cuja origem se perdeu no tempo. O poeta popular foi definido por Francisco Sales Arêda. Arêda definiu o papel de poeta popular, dando a entender que ele é garimpeiro do inconsciente coletivo. O bom cordel nada tem de simplório como prova, vida de canção e o seu testamento. E preciso combater os estereótipos, reduzindo o cordel apenas a uma alternativa visual (xilografura) ou a um formato (o tradicional 11x16) (HAURÉLIO, 2010).

A sétima arte só reforça o valor da poesia popular na base da formação cultural do Brasil. Glauber Rocha buscou na festa sertaneja uma linguagem próxima ao cordel para retratar, em

imagens o Nordeste místico e sangrento de sua filmografia, principalmente em Deus e o Diabo na Terra do Sol (1964) e o Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro (1969). O cineasta baiano pôde apresentar sua visão da arte e da vida inspirado nos versos populares. Glauber compôs para o primeiro filme, um cordel temático que ganhou música de Sérgio Ricardo (HAURÉLIO, 2010).

Os personagens de filmes como Santo Sebastião, calcado em Antônio Conselheiro, Corisco personagem de Othon Bastos, é ao mesmo tempo o cangaceiro lendário do bando de Lampião e a personalização do bem e do mal, o ideal de justiça da terra do sol. Glauber se serviu dos versos de “A Chegada de Lampião no inferno” de José Pacheco, para ilustrar “O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro” (HAURÉLIO, 2010). Segundo o autor,

O reaproveitamento temático de produções cinematográficas pelo cordel é também inquestionável, na impossibilidade de rastrear todas as obras. Podemos escolher algumas, por exemplo: “O prisioneiro do Castelo da Rocha Negra”, de João Martins de Athayde (inspirado em “O prisioneiro de Zenda”), “A Marca do Zorro”, de Manoel D’Almeida filho; “Joana D’Arc, heroína da França”, de Delame Monteiro Silva; “O Gavião do Mar”, de Severino Borges Silva; “O Manto Sagrado” de Manoel Pereira Sobrinho; “O Feitiço de Águila”, de Evaristo Geraldo. Carlos Drummond de Andrade, admirador de Leandro Gomes de Barros, a quem considerava “Rei da poesia do Sertão e do Brasil em Estado Puro”, também experimentou os versos ágeis do cordel nordestino no poema “A Estória de João-Joana”. O mesmo motivo – A moça que se traveste de homem, serviu a Manoel D’Almeida Filho em “O Vaqueiro que virou mulher e deu à luz”. A inspiração de ambos parece ser o “Romance da Donzela Guerreira”, motivo universalmente difundido, base para a composição de Diadorim, personagem de “Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa, com méritos à Literatura de Cordel, alcança um novo público, sem perder de vista os leitores tradicionais, longe do paternalismo, característico do período de crise mais aguda, em meados dos anos 1980-90 sem depender de subjeções demagógicas, o cordel (texto de ilustração) e seus criadores não abrem mão das novas tecnologias para oferecer ao público adições bem cuidadas (p. 111-112).

O meio de comunicação usado pelo cordelista configura-se numa narrativa onde o poeta tenta travar um diálogo com o leitor, com a intenção de passar para quem está lendo sua veracidade desse contexto social perante a literatura de cordel. Os cordelistas foram os maiores divulgadores das façanhas dos personagens desse movimento cultural e social desde Silvino Brillante passando por Lampião até o fim do Cangaço com Corisco (HAURÉLIO, 2010).

Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, é o personagem mais biografado no cordel, nenhuma outra personalidade histórica chamou mais a atenção dos autores de folheto de cordel. O mais famoso folheto é **A Chegada de Lampião no inferno**, de José Pacheco já ultrapassou a marca de um milhão de exemplares vendidos. De acordo com Haurélio,

O cordel de José Pacheco dialoga, do começo ao fim, com o teatro de mamulengos, os nomes estrambóticos dos demônios, o inferno descrito como uma fazenda, o roteiro mínimo, mas recheado de situações engenhosas que lembram as gangues dos filmes cômicos, além da pancadaria carnavalesca. A ação constante que remete o bailado dos bonecos, o diabo é personagem marcante do teatro de marionetes, assim como a morte,

esta última não aparece personificada e nem precisa, porque Lampião baixa ao inferno depois de morto. (p. 63-64).

Haurélio (2010), retrata um trecho de “A chegada de Lampião no inferno”:

Chegou no céu Lampião
A porta estava fechada
Ele subiu a calçada,
Ali bateu com a mão
Ninguém lhe deu atenção
Ele tornou a bater.
Ouviu São Pedro dizer
– Demore-se lá, quem é?
Estou tomando café,
Depois eu vou receber.

São Pedro depois da janta
Gritou para Santa Zulmira:
– Traz a cigarro caipira!
Acendeu no de São Panta.
Apertou o nó da manta,
Vestiu a casaca e veio,
Abriu a porta do meio,
Falando até agastado:
– Triste do homem empregado
Que só lhe chega aperreio!

Os cordelistas misturavam situações reais ou fictícias para descrever as proezas dos personagens do cangaço, em especial do bando de Lampião, sendo sua imagem descrita de diferentes óticas no cenário regional nordestino. Nem todo mundo via Lampião como Robin Hood. Neste contexto ao se falar de Lampião e suas histórias contadas nos versos de cordel, várias construções poéticas baseadas em fatos reais ou por uma história criada pela imaginação do poeta de cordel (HAURÉLIO, 2010).

As vezes, essas contradições são encontradas em versos de um mesmo poeta cordelista como do poeta Antônio Américo de Medeiros, em sua obra **Lampião e sua História contada toda em cordel**, o autor se baseou em fatos reais da vida do famoso cangaceiro, para expressar sua pesquisa em versos poéticos de cordel. Já em outra obra de sua autoria, **Lampião, o rei do cangaço**, o autor descreve Lampião como uma figura heroica:

O fuzil de Lampião
É coberto de metá
A bala que sai de dentro
Cantando “Mulé Rendá”

“Olê mulé rendeira...
Olé mulé rendá...”

“Tú me ensina fazer renda
Que eu te ensino a namorá
Chorou por mim num fica
Soluçou vai no borná

Nestes versos sertanejos
 Escritos por minha mão
 Baseado nas memórias
 Do cangaço no sertão
 Vou descrever o destino
 Do Capitão Virgulino
 Que se chama Lampião⁷

Na construção poética, o rei do Cangaço é descrito com todo um misticismo que serviram ao longo do tempo para uma configuração de vários estereótipos sobre a sua imagem e fama no Nordeste Brasileiro (HAURÉLIO, 2010).

Quem desejar conhecer
 De Lampião a história
 Foi cangaceiro famoso
 No cangaço teve glória
 O título de capitão
 Ainda está em memória.

Pesquisei todos os livros
 Da vida de Lampião
 Juntei o que achei certo
 Para versar com noção,
 A vida do cangaceiro
 Que foi terror no sertão.

A doze de fevereiro
 No sertão pernambucano
 Ano mil e novecentos
 Tudo certo sem engano
 Nasceu lá este menino
 Dum casal bom e humano.

Sua mãe, Dona Maria
 E seu pai, José Ferreira
 Lá em Passagem das Pedras
 Fazendola de primeira,
 Pertencente a Seu José
 A sua nobre caseira.⁸

O autor fez a sua pesquisa sobre a vida do personagem Lampião e se baseou em fatos reais para contar, em forma poética, sua vida em versos de cordéis.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁷ SANTOS, Antônio Teodoro dos. **Lampião, o rei do Cangaço.**

⁸ MEDEIROS, Antônio Américo de. **Lampião e sua história contada toda em cordel.**

Esse trabalho tem como tema principal o cangaço, dando ênfase sobre a vida de Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião. Ao longo de sua vida, foi alvo de múltiplas representações, sendo denominado bandido, sequestrador, assassino, herói bondoso que roubava dos ricos para dar aos pobres. Dedicando-se a descrever os primeiros tópicos do cordel e do cangaço, com produções de autores contemporâneos.

Primeiro foi abordado o surgimento do cangaço com o fim da Guerra de Canudos e as primeiras obras publicadas pelo poeta João Melchades Ferreira da Silva, continuando com Leandro Gomes de Barros, com textos sobre a primeira década do século XX, impregnado da tradição oral do duelo poético (a peleja) e também da literatura de cordel portuguesa.

Sobre o cangaço, descrevo os primeiros relatos de Antônio Silvino, seus modos e costumes, em seguir à risca o código dos cangaceiros, em não maltratar a população e só lutar contra as forças do estado, código que era seguido por todos os cangaceiros antes de Lampião. Esse código foi quebrado depois que Senhor Pereira passou o comando do seu bando a Lampião. A partir de Lampião, os confrontos entre volantes e cangaceiros se tornaram mais frequentes e muito mais violentos, exemplo a forma de como foi abatido Lampião e o seu bando, com suas cabeças decapitadas.

A minha intenção foi relatar o cordel antigo, início do século XX e final do século XIX, com seus poetas principais do começo do século e contemporâneos ao cangaço. Enquanto alguns poetas enalteciam personagens do cangaço como heróis, com histórias fictícias ou histórias reais, como era o caso de Leandro Gomes de Barros, outros afirmavam que certos personagens do cangaço não podiam ser chamados de herói e eram bandidos sociais. Muitos outros poetas atuavam na primeira fase do cordel; dos poemas existentes em arquivos, porém, os principais autores foram citados, todos viviam de seus folhetos modestamente.

Minha intenção ao escolher o tema foi descrever a dificuldade da vida tanto do poeta quanto dos cangaceiros, dificuldade da parte dos poetas em divulgar suas obras em uma região esquecida até hoje do governo federal, e da parte dos cangaceiros relatar uma vida sofrida vivendo como nômades e desafiando a morte, tudo ao seu bel prazer, contra o Estado.

No meu ponto de vista, antes de me aprofundar no tema via com outros olhos o tema cangaço e o cordel achava uma forma poética sem muito valor, e como a maioria dos nordestinos que não tem um conhecimento acadêmico desprezava essa forma poética e hoje com um conhecimento acadêmico e agora que me aprofundi no tema para a conclusão do meu curso, vejo esses dois movimentos um social e outro diferente sobre o assunto de que eu tinha antes.

REFERÊNCIAS

CURRAN, Mark J. **História do Brasil em Cordel**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

HAURÉLIO Marco. **Breve História da Literatura de Cordel**. São Paulo: Claridade, 2010.

MELO, Priscila. **Literatura de Cordel**. Estudo Prático. Disponível em: <<https://www.estudopratico.com.br/literatura-de-cordel/>>. Acesso em: 22 dez. 2019.

NASCIMENTO, José Anderson. **Cangaceiros, Coiteiros e Volantes**. Aracaju, Academia Sergipana de Letras, 1996.

VAINSENER, Semira Adler. **Antônio Silvino**. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>>. Acesso em: 19 dez. 2009.

Lista de cordéis

BOQUIM, Zezé de. **A Vida Torta de Corisco**.

CARVALHO, Elias A. de. **Dadá e a morte de Corisco**. s/l.: 1983.

DANTAS, Ronaldo Doria. **Lampião, coisas do cangaço**. Aracaju: s/ed., 2012.

MEDEIROS, Antônio Américo de. **Lampião e sua história contada toda em cordel**.

SANTOS, Antônio Teodoro dos. **Lampião, o rei do Cangaço**. s/l: Ed. Luzeiro, s/d.